

Um marco no grande debate da mídia¹

* Kaarle Nordenstreng

Professor do Departamento de Jornalismo e Comunicação de Massa da Universidade de Tampere, na Finlândia.

Entendo que o Relatório MacBride é um marco na história. Ele não foi somente um exercício científico básico de descoberta para o estado da comunicação no mundo, mas o primeiro e principal exercício de avaliação das forças sócio-econômicas no mundo naquela época. Entendo o Relatório no contexto do que é conhecido como “o grande debate da mídia” nas últimas três décadas e meia (Nordenstreng 1999; Gerbner & al. 1993). No retrospecto, esse debate teve cinco estágios principais com os seguintes marcos:

1. 1970-75: Descolonização ofensiva

- a idéia de informação imperialista
- o conceito de Nova Ordem Internacional da Informação

2. 1976-77: Contra-ataque ocidental

- fundação do Comitê Mundial de Liberdade de Imprensa
- adiamento da Declaração dos Meios de Comunicação de Massa da UNESCO em Nairobi
- proposta de um Plano Marshall de Telecomunicações

3. 1978-80: Trégua

- adoção da Declaração dos Meios de Comunicação de Massa da UNESCO
- trabalho e Relatório da Comissão MacBride
- consenso quanto ao conceito de Nova Ordem Mundial da Informação e Comunicação – New World Information and Communication Order (NWICO)
- criação do Programa Internacional para o Desenvolvimento da Comunicação (IPDC)

4. 1981-90: Ofensiva ocidental

- conferência Vozes da Liberdade, em Talloires (França)
- saída dos Estados Unidos e do Reino Unido da UNESCO

- saída do diretor geral da UNESCO, M'Bow
- fim do conceito de NWICO

5. 1991: Globalização

- mercados globais versus exceção cultural
- corporações multinacionais *versus* sociedade global civil

O Relatório MacBride está “localizado” no meio desta narrativa, próximo à Declaração para os Meios de Comunicação de Massa da UNESCO. A idéia de uma comissão internacional para estudar os problemas globais da comunicação originou-se do entrave político no qual a UNESCO se encontrou no meio da década de 1970, ao tentar planejar uma declaração sobre “princípios fundamentais para administrar o uso dos meios de comunicação de massa em intensificar a paz e o entendimento internacional e no combate à propaganda sobre guerra, racismo e apartheid”. Como documentado no livro que escrevi sobre a declaração (Nordenstreng, 1984, 20-112), o então diretor geral da UNESCO, Amadou-Mahtar M'Bow, sugeriu uma “reflexão em grupo de homens sábios” como forma de evitar uma crise política gerada na 19ª Conferência Geral em Nairobi, em 1976, dedicada às discordâncias sobre a competência da UNESCO para determinar normas para a mídia.

Um instrumento paralelo que ajudou a evitar o impasse em Nairobi foi a idéia de um fundo internacional para sustentar a infra-estrutura da mídia nos países em desenvolvimento. Tratou-se de iniciativa conjunta entre países em desenvolvimento moderados, notadamente a Tunísia e países ocidentais de liderança, que ofereceram assistência material aos primeiros como uma espécie de “Plano Marshall das Telecomunicações”. A ajuda dos países do Ocidente foi liderada pelo governo do presidente norte-americano Jimmy Carter, que adotou uma mudança tática para o sistema de prêmio e castigo (*carrot and stick* – sistema no qual você é recompensado por algumas ações e punido por outras), com a intenção de oferecer dinheiro aos países em desenvolvimento em troca de demovê-los de idéias militantes, e assim “negociando ideologia contra cooperação”. Essa negociação diplomática levou subsequentemente ao estabelecimento do Programa Internacional para o Desenvolvimento da Comunicação (IPDC) da UNESCO (ver Nordenstreng 1984, p. 16-22; 1999, p. 244-245).

A intenção básica, ao se criar a Comissão MacBride, foi reduzir a importância da fase antiimperialista no movimento dos não-alinhados e neutralizar os esforços para deixar o sistema das Nações Unidas emitir normas para os meios de comunicação de massa. Para o Ocidente esse período representou um sério sinal de que o as nações em desenvolvimento (o Sul político) estava sendo apoiado fortemente por líderes políticos soviéticos da Europa do Oriental. Havia também os idealistas, incluindo Sean MacBride, para quem a Comissão representou uma verdadeira forma de descobrir os problemas globais da comunicação, mas os principais motivos e as forças cruciais que estavam por trás dos realistas, incluindo M'Bow – que fez um

acordo entre os capitalistas ocidentais socialistas do leste e os não-alinhados. Havia espaço para esse acordo – uma trégua na guerra de informações – no final dos anos 70, em grande parte devido à aproximação entre Leste e Oeste e à crise do petróleo, que deu apoio aos estrategistas ocidentais, que preferiram o prêmio ao castigo.

Todavia, o peso das forças globais mudou drasticamente após o Relatório MacBride. A eleição de Ronald Reagan como presidente no início de 1981 mudou os Estados Unidos do uso multilateral ao uso unilateral de poderes políticos, com relativo enfraquecimento da União Soviética e do movimento dos não-alinhados. A trégua dos anos 70 foi erguida por uma nova ofensiva ocidental nos anos 80. Nesse estágio, todos os elementos do acordo que antes eram considerados valiosos e dignos de repente saíram de moda e se tornaram responsáveis pelos riscos. Dessa forma, M'Bow perdeu o emprego e a NWICO se tornou um tabu na UNESCO.

Num contexto mais amplo das políticas ocidentais, a UNESCO foi considerada um empecilho e a administração Reagan decidiu que os Estados Unidos deveriam deixar a Organização, no que foi seguida por Margareth Thatcher (da Grã-Bretanha). É importante notar que a saída dos americanos e dos britânicos da UNESCO não foi causada em especial pela NWICO, MacBride ou M'Bow. O verdadeiro motivo foi a estratégica mudança do multilateralismo – uma lembrança para a comunidade internacional de que as lideranças poderosas ocidentais não seriam vencidas pela maioria das nações do mundo. Como dito anteriormente por um secretário-assistente da administração Carter, “a UNESCO foi a Granada dos Estados Unidos” – um alvo relativamente pequeno para demonstrar o que poderia ser feito em larga escala se os interesses dos grandes e poderosos não forem respeitados.

Por isso, o melhor da UNESCO depois de M'Bow – tanto em comunicação como em outros setores – está longe de ser honroso. A Organização não só deixou de seguir linhas estratégicas de países ao Sul e ao Leste, como fez o impossível para apelar ao Ocidente – incluindo os Estados Unidos, que haviam deixado de ser seu integrante – tentando censurar por exemplo um livro que mostrava a mudança radical da UNESCO em políticas de mídia (Preston & al. 1989). Parte dessa cultura dos anos 80 deu-se pelo fato de o Relatório MacBride, como a NWICO, ter sido considerado politicamente incorreto.

Conseqüentemente, antes de tentar avaliar o impacto do Relatório MacBride é crucial entender a sua natureza – as condições históricas que alavancaram a Comissão para o primeiro lugar no contexto em que o Relatório foi preparado. Agora que isso já foi feito, podemos questionar: qual foi o desempenho do Relatório em descobrir e analisar o mundo da comunicação?

Meu juízo sobre o Relatório, quando ele foi criado em 1980, era completamente negativo. Participei de um grupo de estudiosos de comunicação que produziu um livro com ensaios críticos sobre o documento (Hamelink, 1980). Na minha leitura crítica (Nordenstreng, 1980), o Relatório tratou a história da comunicação de forma isolada, sem considerar aspectos sociais

fundamentais, bem como o desenvolvimento global. Sua noção de “um mundo” não continha nenhuma visão coerente de mundo (nem de ontem, nem de hoje e nem de amanhã), mas uma imagem abstrata envolta por um número de fenômenos e debates em parte desconectados; sua apresentação de “problemas cruciais que a humanidade enfrenta atualmente” foi conveniente para eliminar controvérsias teóricas e políticas, mas foi contraproducente por nos alertar sobre profundos inter-relacionamentos e sobre a totalidade dos fenômenos sociais e globais; finalmente, seu conceito de comunicação representou a fusão da corrente do liberalismo burguês com o positivismo funcional e uma abordagem humanística. O parágrafo a seguir resume o meu ponto de vista.

O Relatório é uma excelente ilustração do dilema do ecletismo: tenta-se ser compreensivo mas se perde a totalidade que deveria descobrir. Por isso o Relatório poderia ser chamado de “Missão Impossível”.

Ainda assino essa avaliação (compartilho a mesma idéia). Os outros ensaios críticos dessa coleção deram continuidade a estas considerações. O capítulo do editor Cees Hamelink, sobre como a Comissão tratou inadequadamente as corporações transnacionais, até provou profeticamente que:

O Relatório, embora corretamente aponte a posição crucial que as corporações transnacionais no campo internacional das comunicações, não reconheceu suficientemente que a nova ordem da informação internacional é certamente deverá ser como a ordem das corporações transnacionais. O “um mundo” a que o Relatório ambiciosamente se refere no seu título pode bem ser a área global de marketing para as corporações transnacionais.

Hoje, 25 anos depois, temos todas as razões para reafirmar essas reflexões críticas de um ponto de vista científico. O Relatório MacBride foi correto mas relativamente ligeiro analisado levando-se em consideração critérios acadêmicos. Por outro lado, temos que admitir – hoje mais que em 1980 – que ele carrega consigo um grande peso político e veio para mostrar a existência de um movimento global em torno da democracia e da equidade na comunicação impulsionado pela descolonização ofensiva do início dos anos 70. Por isso, deve-se distinguir entre as perspectivas políticas e acadêmicas que é importante ser intelectualmente inflexível na análise científica do Relatório, mas que é também vital avaliá-lo pelo seu mérito político. Por esse segundo ponto de vista, o Relatório durou mais que a Declaração dos Meios de Comunicação de Massa, que foi gradualmente compensada pela ofensiva ocidental nos anos 80, apoiada pela NWICO. Muitas, se não a maioria, das suas 82 recomendações permanecem sem serem implementadas (ver Hancock & Hamelink, 1999).

Mesmo assim, na virada do milênio os elementos conflitantes da globalização reacenderam muitos dos pontos presentes no Grande Debate da Mídia dos anos 70. Alguns até recomendam um retorno ao conceito da Nova Ordem Internacional da Informação e da Comunicação. Mas isso não irá acontecer porque os tempos mudaram e a comunicação mudou mais ainda – com a internet como seu novo elemento. A verdade é que os assuntos principais, estruturais, permanecem em grande parte os mesmos enfrentados pelo Relatório

MacBride e pela Nova Ordem, mas ainda precisamos de outras abordagens. Ao procurá-las, devemos fazer bom uso das lições aprendidas e documentadas em plataformas acadêmicas e profissionais, como as Mesas Redondas MacBride a partir de 1989 (ver os relatórios em Vincent & al., 1999).

Notas

1 Texto publicado originalmente como parte da edição especial do *Quaderns do CAC - Consell de l'Audiovisual de Catalunya (a autoridade independente de regulação da comunicação audiovisual da Catalunha)*, dedicada ao 25º aniversário do Relatório MacBride. Em: http://www.portalcomunicacion.com/informe_macbride/eng/home.asp

*** Kaarle Nordenstreng**

Professor do Departamento de Jornalismo e Comunicação de Massa da Universidade de Tampere, na Finlândia. Esteve entre os fundadores do Grupo Europeu de Pesquisadores de Audiência (GEAR); foi membro do Grupo de Consultores em Pesquisa de Comunicação da UNESCO entre 1971 e 1976; vice-presidente da IAMCR entre 1972 e 1988; e presidente da Organização Internacional de Jornalistas (IOJ) de 1976 a 1990. Em 1998 recebeu o prêmio Euroaward em reconhecimento às conquistas relevantes e ao sucesso das suas iniciativas na área do ensino de jornalismo.